

**Viso · Cadernos de estética aplicada**

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 17, jul-dez/2015

<http://www.revistaviso.com.br/>

**Viso.**

**Filosofia e literatura**

Gilvan Fogel

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de Janeiro, Brasil

## RESUMO

Filosofia e literatura

O texto procura marcar a identidade e a diferença entre a *palavra* da filosofia e a *palavra* da literatura. Ambas *poéticas*, isto é, crescendo e se fazendo desde uma real/autêntica experiência da linguagem respectivamente do real. Portanto, ambas em *sintonia* com a gênese que o real é.

**Palavras-chave:** filosofia – literatura – palavra – experiência – real – linguagem

## ZUSAMMENFASSUNG

Philosophie und Literatur

Die Schrift versucht sowohl die Identität als auch die Differenz zwischen dem *Wort* der Philosophie und *dem* der Literatur kennzuzeichnen. Beide sind *poetisch*, *dichterisch*, d. H., beide kommen aus einer echten Spracherfahrung heraus. Beide sind *dann* in Einklang mit der *Genesis* von dem, was das Wirkliche ist.

**Keywords:** Philosophie – Literatur – Wort – Erfahrung – Sprache – Wirkliche

FOGEL, G. “Filosofia e literatura”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IX, n. 17 (jul-dez/2015), pp. 179-187.

DOI: 10.22409/1981-4062/v17i/212

Aprovado: 26.12.2015. Publicado: 27.02.2016.

© 2016 Gilvan Fogel. Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: [http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR)

Accepted: 26.12.2015. Published: 27.02.2016.

© 2016 Gilvan Fogel. This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

1. Alguém, algum grande contador de estórias — *logo*, um grande mentiroso! —, disse que a vida é “também para ser contada”. O “também” deve ser um destaque em relação à vida que *deve*, *precisa* ser vivida de todos os modos possíveis — ela *deve*, *pode* ser moída por aí na correria do motoboy, ralando na oficina de lanternagem ou de mecânica, depurada no pensamento, decantada na interpretação, no conhecimento. E sabe-se lá como e quanto mais! Mas *contar também* é preciso. É este também um modo possível, então necessário, do e no humano viver, que é sempre, de algum modo, ralar, *moer no asp’ro*.

Contar, contar estórias, narrar é dizer e dizer é mostrar, fazer ou tornar visível. Isso é, sobretudo, *coisa* da literatura — *coisa*, *ofício* de gente de letras, de palavras. Também a filosofia, enquanto amor ao saber e à verdade, se faz desde e como dizer, desde e como palavra. Palavra, dizer da literatura; palavra, dizer da filosofia. Parece que aí e assim, na e como palavra, literatura e filosofia se tocam, coincidem, se encontram. Mas em que coincidem e em que divergem? Claro, não são, literatura e filosofia, iguais. Parece que a palavra, o dizer, ao mesmo tempo, as aproximam e as distanciam, as identificam e as diferenciam. E como isso? Principalmente, o que é e como é palavra, dizer? Filosofia e literatura — são vizinhas. Na vizinhança há proximidade e distância. E, estranho, nesta proximidade-distância abre-se também um fosso, pois também já disseram (Nietzsche, Heidegger), filósofo e poeta vivem na mesma cordilheira, no mesmo maciço, mas em morros, em picos os mais separados. Abismalmente reunidos e abissalmente separados. Como isso?! Nosso ponto de partida precisa ser *palavra*.

2. Palavra se faz realmente palavra quando ela é um dizer — e não sopro, bafo, mero *flatus vocis*. E o dizer é realmente dizer quando ele mostra, isto é, quando ele torna visível o que aparece tal como aparece ou se faz visível. E, por seu lado, o dizer se revela um autêntico mostrar quando ele se funda, isto é, quando ele cresce e aparece desde uma experiência. Uma experiência de real, que, no mesmo ato, é uma experiência de linguagem, ou seja, uma experiência do/no dizer. De repente, palavra, o problema da palavra que, foi dito, é um dizer-mostrar, torna-se o problema da experiência.

Experiência é uma viagem. Um barato! E quem diz isso é o Fernando Pessoa, na *edição* Álvaro de Campos: “Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir”.<sup>1</sup> Com isso, ele vai em cheio ao encontro da noção e da compreensão de experiência.<sup>2</sup> Ou seja, por esta via, entra-se na experiência de experiência. Experiência, aqui, nada tem a ver com experimento, o experimento científico — o que vai, por exemplo, orientar uma hipótese científica e, depois, também sustentar uma tese. Também nada tem a ver com uma estimulação nervosa, por exemplo, no teste de audiometria que faço no otorrino, ou em algum rato de laboratório. Experiência, que vai evocar afeto, *páthos*, é sentir. Um sentir que, persistindo, perdurando, e assim atravessando, na verdade, faz-se um *ver*, pois tal sentir fala de um modo de ser que é viver e ser desde o *toque* de um sentido, melhor, desde o ser *tomado* por um sentido, *isto é*, por um *lógos*. É que tudo que se vê, tudo que aparece, tudo que *pode* aparecer e ser visto, aparece e vê-se *porque* já se faz, *porque* já

se dá a partir de um sentido (*lógos*), que *sempre já* se introduziu ou *já* aconteceu. Este *porque*, esta *causa*, está dizendo um *graças a, por obra e graça de*. E este inocente *já, sempre já*, que fala de *prévio*, de *antecipação*, está apontando para *salto* — isto é, ao mesmo tempo, *imediatez, círculo e afeto*. Sem esta prévia *introdução* ou *intromissão* de ou do sentido nada, absolutamente nada pode ser ou aparecer. É isso mesmo a linguagem, como lugar e hora de todo e qualquer real possível. O ser, o *já* ser tocado e tomado por um sentido (*lógos*) abre, inaugura um movimento, uma aventura, uma gesta — justo a gesta, a aventura, o movimento que é o ser no e como aparecer, enquanto e como o dar-se e o acontecer de dizer, a dinâmica do real se realizar enquanto e como nomear, fazer-se, tornar-se nome, palavra. A partir de então *participa-se* da gênese do real. É esta gênese, desde e como participação, que é a *viagem, o barato*, que é o sentir. Sentir, portanto, que é, sim, *ver*. Consanguinidade com o real, com a realização do real.

3. Enquanto dizer que é mostrar, tanto a palavra da literatura quanto a palavra da filosofia são palavras fundamentais. Isso quer dizer: ambas mostram, fazem visível fundamento — o fundo da vida. E isso quer ainda dizer: ambas trazem vida à tona, a mostram desde o seu fundo, no seu fundamento. Fundo, fundamento?! Afinal, qual o fundo da vida, qual o fundamento da existência? E esse *negócio* de fundo, de fundamento, isso não é *coisa* da filosofia e somente da filosofia? Literatura, importando-se e preocupando-se com histórias, não se importa, não se interessa jamais com *esta história* de fundo e de fundamento — isso é metafísica, que gosta de fundo, que vive de fundamento e de *verdade*. Literatura, como toda arte, é *erro — erro e mentira!* Fantasia — a louca da casa! Suponhamos, porém, que mesmo não se importando ou se interessando explicitamente por fundo e fundamento, ainda assim, também a literatura traga à luz o fundo, o fundamento da vida — a *verdade*. Mas pergunta-se: e quando o fundo, o fundamento da vida vem à luz, o que vem à luz, o que se mostra? Enfim, por fim e mais uma vez, qual o fundo, o fundamento da vida, da existência, da humana presença?

O fundo da vida é o sem fundo de sua irrupção súbita, *isto é*, gratuita. O fundo, o fundamento da existência é o abissal (súbito, salto) de seu sem *porquê e sem para quê* — *sem sentido*. E irrompendo este sem porquê e este sem para quê de vida, de existência, irrompe *dor*. *O fundo da vida é dor — dor sem fundo, sem razão, sem sentido*. Dor?! Vai começar choradeira, lamúria, lamentação, *jeremiação*? Ou o drama, o patético, melhor, o patetismo, o dramalhão? Ou, por outro lado ainda e obedecendo à *magia dos extremos*, o heroísmo, o voluntarismo, a bazófia? Seguramente, nada disso.

Dor está falando a necessidade de ser ação, atividade — drama. A necessidade de o homem, a *vida*, ser fazer. Ser o homem um fazer vir a ser o que ele precisa ser — a saber, homem, *vida*. É isso que sentenciou *transcendência*, na hora, no instante da irrupção, do salto: “Agora, vais comer o pão com o suor da tua fronte”. Isso é imperativo de transcendência, isto é, de *necessidade* — de *ananké*, que é também *Diké*. Expliquemos este hermetismo.

O que aqui se denomina dor é a humana condição de *indigência*, isto é, de limite, de finitude, o que impõe ao homem ser um *precisar fazer*. Nenhum ente, nenhum vivente precisa *agir, fazer*, para ser, para tornar-se o que é. O cachorro nada faz, nada pode ou precisa fazer para ser cachorro. O mesmo acontece com a avenca ou com a begônia. Alguém diria: ora, o cachorro precisa *correr atrás* e, por isso, vira até um pobre *vira-latas*. É, seria um indigente. Também a avenca precisa *correr atrás* e, se escondendo, se esgueirando do sol esturricante, busca *sombra e água fresca*. Da planta ainda diz-se, por outro lado, que ela precisa lançar-se à busca de luz para viver. *Lançar-se?! Não*. É um mero mecanismo de seu automatismo biológico. Este mecanismo, este automatismo, no animal chama-se também *instinto*. Não há aí um lançar-se, um empenhar-se, um esforço — enfim, uma ação, uma atividade. Pois para tanto é preciso liberdade, é preciso ser livre, isto é, ser aberto e apto ou disposto *a, para — a, para* uma possibilidade, que se fazendo *envio*, destinação, torna-se história. Trata-se de uma ação, de uma atividade que, no mesmo ato e como o mesmo ato, *libera, liberta uma identidade, um próprio* (o que, aliás, de modo algum, é ou precisa ser *consciente, deliberado*). Assim e por isso, *graças a isso, é livre, é liberdade*. Por *não* ser isso e assim, o cachorro será sempre só o repertório de seus instintos, de seu mecanismo ou automatismo, como que, uma vez *disparado, cai sempre no mesmo lugar*. O mesmo com o vegetal, com a begônia ou com a avenca. O homem, porém, tem um ser a fazer, uma identidade ou um próprio a liberar ou libertar, o que o faz em cumprindo, em realizando um trabalho, uma ação, mesmo uma *obra*, quer dizer, fazer vir a ser *o para*, que ele é, ou seja, fazer vir a ser a *possibilidade* ou o *poder ser* que ele é. Seu ser é fazer ser seu poder-ser. *Sua realidade é ser possibilidade de ser*. Por isso, graças a isso, o homem é, precisa ser ação, atividade. A ação, a atividade de libertação, melhor, de *liberação de uma identidade ou de um destino possível*. É, será se se fizer. É, será se se faz. Ser é fazer — ação (drama), atividade e, então, *história*. Nisso e assim, neste destino e nesta necessidade de liberdade, o homem *participa* de gênese, partilha e compartilha do movimento de aparição e geração de tudo que é, de tudo que pode e precisa ser. É esta ainda a riqueza, a fartura da indigência humana. É esta ainda e assim a alegria da ação necessária. Toda alegria é a satisfação da transformação, da transfiguração de dor, isto é, de indigência, de limite, de finitude.

4. E o que tem toda esta arenga a ver com literatura e filosofia? A verdade é que esse falatório já é um pouco de filosofia tossida e soluçada. Então, participação em gênese. Participação esta que se faz com, desde palavra; com, desde dizer. A lida, a ação literária se faz igualmente com e desde palavra; com e desde dizer. Filosofia e literatura têm, assim, o mesmo *pedigree*. Todo texto, todo *bom* texto literário<sup>3</sup> é, desde e como palavra, desde e como dizer, uma ação, uma atividade, que é celebração de gênese, uma festa de nascividade (um *natal!*) — mesmo, talvez até *sobretudo*, quando o tema, o *objeto* é o medonho, o horrível, p.ex., Stawrogin ou Carlos Bovary. Mas também a filosofia é isso e assim. Então, pergunta-se em concluindo, são iguais, são a *mesma coisa?! Não*.

A vida *tem*, ela é a forma do romance — da novela, do *drama* (ação, atividade). Façamos disso um sinônimo de literatura. Então, o dito quer dizer: na literatura, como literatura vida vem à sua forma, isto é, ela, a vida, se evidencia na sua gênese, na sua geração. E vida é essencial ou constitutivamente gênese, geração — então, ação, atividade, tempo, história. A literatura *pega, saca* isso, este modo de ser, e o leva adiante, o cultiva, o exercita, o promove e, assim, literatura torna-se exemplarmente vida — ela *imita* a vida a seu (da literatura) modo — no que faz e como faz, *isto é*, no que diz (mostra) e como diz (mostra). Este é o seu modo, o seu fazer, a saber, dizer e, no dizer, mostrar. Literatura, assim, é vida enquanto e como a *poética* do e no dizer-mostrar. Este é o dizer, o mostrar ou a *poética* de Cervantes, de Dostoiévski, de Machado de Assis, de Guimarães Rosa, de Graciliano Ramos.

A vida, todo real enquanto e como vida, tem, é a forma do romance. Mas, vendo mais de perto, como é isso propriamente? Abro *Crime e castigo*. Na primeira página, Raskolnikov é um *mero* nome, isto é, só um fonema ou um grafema. Pura tinta preta sobre papel branco. Mas começa a estória, a narrativa, e a ação vai se deslançando, vai se abrindo e, no enredo e graças ao enredo, na tecitura e na urdidura, enfim, na ação ou no drama, este puro *flatus vocis*, Raskolnikov, vai ganhando carne, densidade, espessura. Ganha *tutano*, um *dentro*, a saber, caráter, índole, têmpera. Também estômago, fígado, intestino, vísceras. Ganha, como se diz, *corpo e alma*. Ele é, ele faz-se todo *corpo e alma*. Enfim, vira, torna-se um homem, uma vida *de verdade* — faz-se tempo e história. De repente, ele é exemplarmente vida. Seria esta também, talvez, a exemplaridade das *Novelas exemplares*, de Cervantes?!...

E, mais uma vez, nisso, neste *bordado*, como fica a filosofia? Filosofia, vimos, no dizer e como dizer, é igualmente visão, celebração e promoção de gênese, isto é, de *essência* ou *forma*. Mas há uma diferença em relação à literatura, à *poesia*. É que a filosofia se dá conta de que o real, todo e qualquer real possível, é gênese, isto é, essência enquanto e como realização de realidade desde e a partir do dar-se e fazer-se (expor-se, auto-expor-se) de um sentido, de um *lógos*. Mas aí, a filosofia, estupefata e cunhando sua identidade, pergunta o que é e como é a gênese, o sentido, a essência *enquanto tais*. Ela quer, ela empenha-se em compreender, em *ver* a essência (o sentido, a gênese) *nela mesma ou enquanto tal, isto é, enquanto e como essência ou gênese*. E, assim, ela vai dizer, vai *querer* dizer o modo de ser do próprio dizer; vai mostrar o modo de mostrar-se do mostrar-se. Enfim, a filosofia é, *quer* ser gênese de gênese. Ela é, ela *quer* ser o ver do ver, a vida da vida. Isso marca o surgimento da filosofia em relação ao mito, na Grécia. O surgimento da filosofia é, na verdade, a irrupção do *lógos* para o *lógos como lógos*. Ela não é *superação*, entendida vulgarmente como recusa e negação, do mito e, então, afirmação do *racional contra o irracional*. Não. Filosofia sabe e vê que mito é *lógos*, isto é, sentido, e ela só e tão só quer entender, *ver* o mito, *este lógos, como lógos*. Filosofia é, sim, imperativo e destino de luz. Ela é a assunção de tal destino, de tal necessidade. Ela, assim, é puro quixotismo — “Vá dormir tu, Sancho, que nasceste para dormir, enquanto eu, que nasci para velar...”. Por isso, tal como o Quixote, ela é

permeada de melancolia, ela é cheia da vida típica e própria de um morto-vivo, ou seja, do tipo que é, que vive à distância, à parte — no e desde o único lugar e a única hora em que vida, gênese, *enquanto tal*, é possível. O filósofo é também e sobretudo o tipo que *não vive*. Por isso, paradoxalmente, retrato de filósofo não é tanto somente aquele comovedor embebido de luz, de Rembrandt, mas também e muito um Pierrô, de Picasso. Perfeito morto-vivo. Por isso, ou seja, vendo esta natureza de morto-vivo do filósofo assim como o lugar e a hora da filosofia, Platão (*Fédon*) disse ser esta o aprendizado, a educação para a morte. Viver não vivendo, sendo à parte, à margem, “comprometidamente à parte, à margem”, diz Nietzsche.

5. É possível que esta formulação não seja tão má. Mas é pouca e não dá conta do problema, pois há uma literatura, uma poesia, sobretudo a chamada *moderna*, que começa *a se pensar* e, a partir daí, começa a fazer uma espécie de poesia da poesia e que se mostra também, sim, como uma gênese de gênese, uma vida da vida. Filosofia?! Por exemplo, no século XIX, A. Poe, com seu ensaio a propósito de “O corvo” e não por acaso intitulado “Filosofia da composição”. Baudelaire, fina e incisivamente, traduziu este ensaio de Poe com o título “Lógica da criação”. Seguindo Poe e Baudelaire, na mesma linha e com a mesma índole, tem-se Mallarmé, que admitiu “ter começado onde Baudelaire teve de parar”.<sup>4</sup> Seria preciso, entre muitos outros, ainda mencionar dois *Pauls*, o Valéry e o Celan. Entre nós, creio, é coisa grave, então a ser considerada e pensada, por exemplo, *O guardador de rebanhos*, de F. Pessoa, na heteronímia de Alberto Caeiro, e *Poesia crítica*, de Cabral de Melo Neto. Esta é uma coletânea organizada pelo próprio Cabral e que se constitui numa poesia, cujo *tema/questão* é a própria poesia, sua *composição*, sua *natureza e gênese*.

Que isso fique só registrado na forma de menção, sem que disso, aqui e agora, nos ocupemos. Mas o que nos interessa, agora e aqui, é: com isso tem-se uma igualação, um nivelamento entre literatura (poesia) e filosofia? Não! Mas, se elas, parece, aqui e agora e sob este aspecto, se tocam e se *confundem*, onde está a diferença? Tocar-se-iam justamente só e tão só *sob este aspecto*, a saber, sob o aspecto de uma *reflexão* sobre real e realidade na sua realização a partir de linguagem e como linguagem, isto é, no dizer e como dizer e este como mostrar (= realizar, aparecer) ou tornar visível?... Mas, ora, em que medida este *aspecto* não é *tudo?!...*

O fato, me parece, é que, por parte da literatura, da poesia, esta *reflexão* sobre e a partir da poesia, isto é, da poética da poesia ou na poesia (literatura) da gênese de sua gênese — enfim, *isso*, este modo de ser, não é, não pode ser ou tornar-se, para a literatura (ou poesia) seu próprio, seu específico. Se isso acontece, ou seja, a ficar nisso e a fazer disso seu solo, sua terra e pátria, ela, a literatura (poesia), minguaria, definharia e, por fim, toda subnutrição, asfixia e míngua, morreria. Viraria filosofia! Como?! É que a literatura, a poesia, não *consegue(m)* viver, se alimentar de morte, que é a *pura vida* e que é o quê, no fundo, a filosofia sempre visa, quer. Isso, a saber, *este modo de ser*, a pura vida, é o próprio, o ipssíssimo da filosofia, do filósofo, do *tipo*, por definição, isto é,

*ab origo* ou por certidão de nascimento lavrada na pia batismal da própria vida, à parte, à distância, morto-vivo... Este é, sim, o elemento, o *medium* da filosofia, do filósofo — a rigor, ele não vive.

Bem, esclarecer esta quixotada (sobretudo por que e como a *pura vida*, gênese de gênese, vida da vida, não *pode* tornar-se o próprio, o específico da literatura) — isso já é outra musa, outra jornada, outra aventura, enfim, outra viagem...

---

\* Gilvan Fogel é professor titular do Departamento de Filosofia da UFRJ.

<sup>1</sup> Cf. PESSOA, F. *Obra poética*, volume único. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974, p. 406. E ainda em *Livro do desassossego*, v. II. Campinas/SP: Editora Unicamp, 1994, pp. 35 e 46 respectivamente, lê-se: “Compreendo que viaje quem não é capaz de sentir”; “Viajar? Para viajar basta existir. ... Se imagino, vejo. Que mais faço se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir”.

<sup>2</sup> Sobre a relação visceral, i. é, essencial, entre experiência (empeiria; no alemão, *Erfahrung*, de *fahren*, viajar) e viagem, ver as páginas belíssimas de Ortega y Gasset em *La idea de principio en Leibniz*, v. I. Madrid: Revista de Occidente, 1967, §19, pp. 203 a 208.

<sup>3</sup> É elementar, trivial, mas é preciso que se diga: como tudo na vida, também literatura, também filosofia se faz de *bom* e de *mau* jeito, isto é, do modo *bom* e do modo *ruim*. *Bom* está dizendo *radical*, *essencial*, e, neste sentido, *grande*. Isso, de modo algum, está dizendo *de um só ou de um único jeito, modo*. Não. O *bom* é o que, por um lado, vai ao encontro do *próprio* da própria coisa (e os caminhos são muitos, as vias são inumeráveis) e, por outro lado, sempre já guiado e sustentado por este *próprio*. Há, sim, a boa, a grande literatura e a boa, a grande filosofia, assim como a filosofia e a literatura *pequenas, ruins, fajutas — não radicais, não essenciais*. Isso, sem falsos pudores, é preciso ser dito e sustentado. E, *noblesse oblige*, é preciso ocupar-se sempre do grande, do essencial. Só disso e desde isso é a fala, o discurso. O resto é desgaste à toa, futilidade, perda de tempo.

<sup>4</sup> Cf. CARONE, M. A poética do silêncio. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 113.